

A INTERPRETAÇÃO ALEGÓRICA EM AGOSTINHO: possibilidade para um desvirtuamento das Escrituras?

Juscelino Vieira Mendes

“No Velho Testamento, o Novo Testamento está dissimulado; no Novo Testamento, o Velho Testamento é revelado”

(Agostinho).

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de identificar, na doutrina de Agostinho, o seu real sentido para a alegoria proposta em sua obra, especialmente em “A doutrina cristã”, e demonstrar que esse tipo de interpretação parece não ser uma maneira segura de desvendar as Escrituras, mormente se se levar em conta que o querido pelo escritor sagrado possa ser facilmente desvirtuado se, ao alvedrio do intérprete, fincar a sua compreensão pela via da alegoria, que, de acessório, pode passar a ser o principal.

Agostinho parece não se livrar, neste aspecto, da forte influência platônica e o conhecimento do “mundus uranus”, unicamente

através das sombras, conforme expressa na Alegoria da Caverna¹. Ao se posicionar favorável à interpretação alegórica das Escrituras, Agostinho estaria entendendo que o que se lê nas Escrituras é apenas uma parte do que desejaria Deus comunicar aos seres humanos?

A antiga discussão parece permanecer: trata-se de símbolo ou de alegoria? É a simples demonstração orgânica de algo, ou se trata de revelação de verdade oculta?

Goethe faz distinção entre uma coisa e outra. A sua distinção colabora para que se chegue a uma melhor compreensão do que seja efetivamente alegoria e suas implicações em um texto clássico. Diz Goethe:

1112. A alegoria transforma o fenómeno num conceito e o conceito numa imagem, mas só na medida em que o conceito se deixe limitar e plenamente conter e agarrar pela imagem e nela esteja plenamente expresso.

1113. O simbólico transpõe o fenómeno em Ideia e a Ideia em Imagem, de tal modo que a Ideia permanece na imagem sempre infinitamente actuante e inalcançável e – mesmo que expressa em todas as línguas – se mantém inexprimível.²

¹ Platão se opunha às interpretações alegóricas dos mitos antigos e entendia que os jovens não estavam aptos para distinguir o que é alegórico do que não é. “... No podran admitirse em la ciudad, sean alegóricas o no, esas historias que hablan de cómo Juno fue aherrajado por su hijo y cómo Hefaisto, que pretendía defender a su madre maltratada por su padre, fue lanzado del cielo por este, o todas las teomaquias inventadas por Homero. Porque el niño no es capaz de distinguir dónde se da o no la alegoria, y todo lo que recibe en su alma a tal edad difícilmente se borra o se cambia. Por lo cual, seguramente convenga antes de nada que las primeras fábulas que oiga el niño sean también las más adecuadas para conducirlo a la virtud.”, **PLATÃO, A República**, II, 378-d.

² Goethe, *Máximas e Reflexões*, pp. 246-247.

Pelas palavras de Goethe, infere-se que o simbólico comporta maior amplitude que a alegoria, o que significa que a alegoria abre espaço para desvirtuamentos sobre o objeto desvendado, que o simbólico.

Nesse aspecto, depreende-se que o símbolo é mais fiel à imagem, que se mantém, do que o da alegoria, por que esta é mais livre, por que mais suscetível em suas interpretações, indicando a possibilidade de que várias imagens possam ocorrer.

Isso, talvez, explique a razão por que Agostinho adverte: “Em todo caso, todo aquele que nas Escrituras entende de modo diferente ao do autor sagrado engana-se em meio mesmo da verdade, visto que as Escrituras não mentem”.³ A advertência se faz necessária, a fim de que não venha o interprete dizer o que não disse o autor sagrado.

A despeito disso, Agostinho ensinou que a Bíblia devia ser lida de forma alegórica, embora esclareça que a alegoria não está nas palavras, mas nos acontecimentos históricos, i. e., há que se verificar esses acontecimentos no seu todo, porque têm princípio, meio e fim em sua narrativa.

³ AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 78.

Parece que Agostinho quer chamar a atenção para o fato de que esses acontecimentos não são meramente históricos, mas o são em virtude da fé dos envolvidos e do controle absoluto de Deus sobre todas as coisas. Em a Cidade de Deus, diz:

Ninguém deve, todavia, pensar que tais coisas foram escritas à toa, que aqui se deve buscar unicamente a verdade histórica, sem nenhuma significação alegórica, ou que, pelo contrário, negando a historicidade, se diga serem puras alegorias, que, sejam quais forem, não contém nenhuma profecia da Igreja⁴.

(...).

A tal ponto é assim, que nas predições já historicamente cumpridas na descendência carnal de Abraão investigam o sentido alegórico, que há de realizar-se na descendência espiritual dele. Alguns, levados por semelhante afã, pensaram não haver nos referidos livros nada predito e já realizado ou realizado sem predição, que não diga ou insinue alguma relação, alegórica, é verdade, mas relação, com a soberana Cidade de Deus e com seus filhos, peregrinos na terra.⁵

Um ponto que parece ser fundamental é se é possível analisar essa questão no processo do pensamento, e fazê-lo independente da fé. Agostinho, ainda que argumente em favor de uma interpretação alegórica das Escrituras, não parece permitir se exclua a fé em nenhum momento, e, como essência, a participação do Espírito Santo:

“O encanto das alegorias -

Mas por qual razão parece-me mais agradável (suavius) esta apresentação do que aquela proposta sem nenhuma

⁴ AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, parte II, XV, 27, p. 213.

⁵ AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, Parte II, XVII, 2, p. 276.

comparação desse gênero, tirada dos Livros santos? Ainda ao se tratar de um mesmo fato e de uma mesma idéia? É difícil de explicar, e essa é outra questão. Basta dizer que ninguém contesta o fato de se aprender mais espontaneamente (libenter) qualquer coisa com a ajuda de comparações; e que se descobre com maior prazer (gratius) as coisas que se procuram com certa dificuldade. Os homens que não encontram logo o que procuram sentem fome, e os que, ao contrário, têm tudo à mão, muitas vezes desfalecem de fastio. Ora, num caso como em outro, é preciso evitar o langor. Para isso, o Espírito Santo dispôs de maneira magnífica e salutar as Escrituras santas, para que elas venham saciar a nossa fome nas passagens mais obscuras. Mas, na verdade, quase nada sobressai nessas obscuridades que não esteja mais claramente expresso noutra lugar”⁶

A teologia, depois da escolástica, deu ênfase significativa e, progressivamente, para a interpretação de sentido literal para as Escrituras. A teologia praticada pelo protestantismo, desde Calvino no século XVI, bem como aquelas religiões denominadas históricas, são pela interpretação literal e não alegórica das Escrituras.

O principal motivo para esse entendimento, refere-se ao fato de que a busca incessante é a edificação da Igreja promovida pelo próprio Deus, através da Sua Palavra, e não da imaginação do intérprete, razão por que o sentido histórico apresentado pelo autor bíblico passou a ser mais valorizado.

⁶ AGOSTINHO, *A Doutrina Cristã*, p. 91.

Não por acaso, o ex-monge agostiniano, Martinho Lutero, com a sua Reforma, revoltou-se com a interpretação faz a Igreja Católica aos textos bíblicos: acrescenta-lhes a denominada “tradição oral da Igreja”, ou seja, não se aceita a doutrina dos Reformadores da “sola scriptura”, sob a alegação de que em nenhuma parte da Bíblia se encontra que esta é autoridade espiritual exclusiva.

Parece que a ênfase dada por Agostinho para uma interpretação alegórica das Escrituras, permitiu aos seus “seguidores” esse excesso, qual seja, e de se interpretar as Escrituras ao sabor de interesses particulares, como é o caso dos teólogos da Igreja Católica, i. e., não apenas uma interpretação alegórica das Escrituras, mas uma interpretação alegórica da própria doutrina agostiniana, em pura heresia.

Tomás de Aquino, na questão introdutória à Suma Teológica, e em resposta à questão de que “O texto das Escrituras encerra vários sentidos?”, responde e argumenta citando Agostinho:

Também não existe confusão na Escritura, porque todos os sentidos estão fundados no sentido literal, e só a partir dele se pode argumentar, e nunca dos sentidos alegóricos, como observa Agostinho contra o donatista Vicente. Nada, no entanto, se perderá da Escritura Sagrada, porque nada do que é necessário à fé está contido no sentido espiritual

*que a Sagrada Escritura não o refira explicitamente em alguma parte, em sentido literal.*⁷

Esta afirmativa de Tomás, estudioso que fora de Agostinho, parece indicar que os intérpretes alegóricos da Escritura quiseram dizer mais do que o próprio Agostinho, não obstante o fato de o seguirem como exemplo maior.

CONCLUSÃO

A interpretação alegórica encerra perigos aos quais o próprio Agostinho parece ter sucumbido. Verifica-se em sua interpretação do poema *Cântico dos cânticos* algo fora de propósito e que não resiste a uma análise ainda que superficial, quando passa de uma metáfora para a alegoria ao substituir a mulher amada pela Igreja:

*Ora – perguntava eu – como se explica que ao redizer isso, o fiel deleita-se menos do que ao ouvir as mesmas idéias expostas com a expressão do Cântico dos cânticos. Aí se diz para a Igreja, louvando-a como uma bela mulher.*⁸

Refere-se à passagem transcrita do cap. 4: 2-5, que diz:

*Teus dentes ... um rebanho tosquiado
Subindo após o banho,
Cada ovelha com seus gêmeos,
Nenhuma delas sem cria.
Teus lábios são fita vermelha,
Tua fala melodiosa;*

⁷ AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*, Livro I, Artigo 10, p. 155. No original: “Et ita etiam nulla confusio sequitur in sacra Scriptura: cum omnes sensus fundentur super unum, scilicet litteralem; ex quo solo potest trahi argumentum, non autem ex his quae secundum allegoriam dicuntur, ut dicit Augustinus in epistola contra Vincentium Donatistam. Non tamen ex hoc aliquid deperit sacrae Scripturae: quia nihil sub spirituali sensu continetur fidei necessarium, quod Scriptura per litteralem sensum alicubi manifeste non tradat.”

⁸ AGOSTINHO, *A doutrina cristã*, p. 90.

*Metades de romã são teus seios
Mergulhados sob o véu.
Teu pescoço é a torre de Davi,
Construídas com defesas;
Dela pendem mil escudos
E armaduras dos heróis.
Teus seios são dois filhotes,
Filhos gêmeos de gazela,
Pastando entre açucenas⁹.*

Essas metáforas são surrealistas e incongruentes, é verdade, mas daí a concluir tratar-se da Igreja de Jesus Cristo, como tal descrita nos evangelhos, vai uma grande distância.

Outros, por outro lado, interpretam alegoricamente a história da criação, julgando-na falsa e sob a alegação de refletir idéias antigas a cerca do Universo, que a ciência teria ultrapassado.

De qualquer forma, apenas modernamente se usa a terminologia “metáfora” para as passagens antes denominadas de alegóricas, como os exemplos de algumas cartas de Paulo e outras nos evangelhos.¹⁰

⁹ Robert ALTER e Frank Kermode, Guia Literário da Bíblia, pp. 330/331.

¹⁰ Mat. 13:18-23; Mar. 4:14-20. Jesus como a porta, o pão e a água, no evangelho de João, pode ser concebido alegoricamente, em consonância com o uso de Gal. 4:24; todavia, é melhor chamar esses usos de símiles ou metáforas, de conformidade com a terminologia moderna. O Apocalipse contém a alegoria da mulher, 12:1 e ss., do cavalo branco, 19:11-16. Paulo usou uma outra alegoria em I Cor. 9:9 ss., usando a imagem do boi a fim de indicar o ministério cristão. Já apontamos a alegoria de Gal. 4:24, à qual se assemelha a alegoria de Cristo como rocha.

Não obstante os problemas inerentes à interpretação alegórica, Agostinho soube, como poucos, interpretar os textos bíblicos de forma singular e profunda, destacando, sobretudo, a necessidade primordial de se ter fé para a compreensão das Escrituras Sagradas, razão por que invoca a ajuda do Espírito Santo na descoberta dos sentidos ocultos.

Importa, sobretudo, se tenha equilíbrio na interpretação, não partindo, nem para um literalismo exacerbado, nem para uma alegorismo que torne o texto desfigurado e sem o sentido a que se propôs o autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **AGOSTINHO**. *A Doutrina Cristã*: manual de exegese e formação cristã. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.
2. **ALTER**, Robert e **KERMODE**, Frank (Organizadores). *Guia Literário da Bíblia*. São Paulo: Unesp, 1997.
3. **GOETHE**. *Máximas e Reflexões*. Tradução de Afonso Teixeira da Mota. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
4. _____. *A Cidade de Deus* (contra os pagãos), parte II, tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes, São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990.
5. **PLATÓN**. *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1993.